

## **A FÉ QUE ENCANTA ATRAVÉS DO CANTO E DANÇA NO CONGADO DE OURO PRETO**

*Maria Luíza Igino Evaristo<sup>1</sup>*

**Resumo:** A presente pesquisa, após estudar a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos em Ouro Preto, no século XVIII, pondera a respeito das atividades religiosas e sociais dos Congadeiros atuais, na mesma cidade, que através da fé mantém vivo o Congado em homenagem a santa. A partir da observação de uma construção cultural de base sincrética estabelecida no Brasil, analisa-se, na contemporaneidade, o Congado como uma manifestação cultural e religiosa, em que estão presentes elementos do catolicismo popular mesclado à herança da cultura africana trazida do além-mar que, em determinados aspectos, mantiveram seus sentidos, enquanto outros foram ressignificados. O estudo busca compreender a experiência religiosa negra na Minas da escravidão e seus reflexos na atualidade. No espaço da Irmandade foi possível aos confrades negros inserir elementos da cultura africana com o objetivo de homenagear a Santa do Rosário. Com relação à Festa do Rosário, percebe-se que ela se edificou num universo imagético extremamente rico, uma vez que é marcada por momentos festivos e devocionais que se materializam em diferentes tipos de representações que se reconstróem alicerçados numa ludicidade que procura trazer à tona o passado, presentificá-lo e atualizá-lo, construindo um sentido que perpassa a expressividade visual, já que é uma tentativa de manter viva uma tradição secular e, por isso, expressar a identidade. A Congada está inserida dentro de um ambiente sagrado, em que há uma narrativa falada ou cantada que é expressão do próprio devoto em ação e, simultaneamente, formaliza um convite aos ouvintes para se integrarem ao enredo. Ao analisar as artes sacras de origem negra, chama atenção para o fato de haver, na atualidade, muitas vozes e lugares em que são equacionados os encontros e as relações da elite branca com as artes sagradas de matriz africana, cuja preservação foi realizada pelos negros no período escravista e posteriormente.

1236

Palavras-Chave: Congado. Nossa Senhora do Rosário. Devoção. Ouro Preto.

### **1. Contextualização histórica**

O Congado é uma manifestação marcada pela diversidade cultural afro-brasileira e religiosa, sua presença no território brasileiro se dá desde o século XVIII e conseqüentemente em Minas Gerais, onde grupos Congadeiros tem sido observados por todo o estado como uma manifestação popular. (SILVA, 2012).

De acordo com Silva (2012) a origem histórica dessa manifestação no Brasil encontra-se na coroação de “reis de nação” escolhidos por africanos de diferentes etnias para que representassem o Brasil, assim como suas nações de origem, dessa forma seria possível o compartilhamento de valores e crenças de seus antepassados da distante mãe-África. A eleição

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Religião pela UFJF.

de rei e rainha nasce no ceio das irmandades religiosas cuja fundação teria sido feita por escravos africanos e seus descendentes. Em frente à igreja, usualmente consagrada à invocação da Virgem Maria, pertencente ao santo de devoção da associação, ocorria o coroamento dos monarcas, feito por um padre; em seguida, o cortejo seguia pelas ruas entoando músicas e dançando. Em meio aos costumes congolezes para a eleição de um novo rei, havia as atividades de festas e danças promovidas pelas Irmandades e, entre os Bantos, era costume que os reis excursionassem seguidos por sua corte em meios a cantos e danças.

A respeito da primeira manifestação do Congado em terras brasileiras há um descompasso nas opiniões de Bastide (1971), para quem a primeira ocorrência teria sido em 1700 na cidade de Igarassu (PE), ressaltando possíveis vestígios do evento no século XVII; Segundo Alvarenga (1982), é de 1760, ano em que ocorreram os festejos em homenagem às bodas de Dona Maria I, rainha de Portugal; já para Silva (2012) a primeira manifestação de desfiles de reis Congos no Brasil que se têm notícias ocorreu no Recife em torno de 1706.

De acordo com Oliveira (2011), foi amplamente divulgado a interpretação do Reinado como uma manifestação de caráter afro-brasileiro, cuja formação se dá pela união entre a devoção a santos católicos à música e aos instrumentos de percussão de origem africana, levando o sincretismo manifestado a ser interpretado apenas como uma simples mistura, não sendo capaz de compreender a complexidade deste sistema na reelaboração contida no contato com o catolicismo de origem européia e o universo religioso da cultura Banto.

Muito antiga em Minas Gerais, a tradição do Congado na região advém do século XVIII. Neste mesmo período temos a fundação das primeiras Irmandades<sup>1</sup> de Nossa Senhora dos Homens Pretos, a primeira foi a de Vila do Serro, atual Serro (1704), seguida pela de Vila Rica, atual Ouro Preto (1711). Contudo, nota-se que mesmo em regiões onde não foram criadas Irmandades tem-se o surgimento do Congado como associação autônoma, mas sempre atrelado às festas católicas locais. (SILVA, 2010).

Em Ouro Preto, a presença do Congado é verificada desde o século XVIII, tal qual a criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Nos últimos sete anos a festa ganha um novo fôlego, não sem, contudo está no epicentro de um conflito. Desde o período colonial a festa do Congado é atrelada a figura de Chico Rei, um ex-escravo que ao conseguir sua alforria e a de seu filho trabalha arduamente para libertar através da compra outros companheiros. Ele teria sido o fundador da Irmandade do Rosário do Alto da Cruz, junto com seus pares deu início a construção da Igreja da Santa Efigênia.

Ao observar o Congado em outras cidades mineiras não será difícil encontrar histórias que remetam ao personagem da antiga Vila Rica. Entretanto, essa história tão difundida é

fonte, na atualidade, de desavenças entre a Irmandade do Rosário e o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia em Ouro Preto.

Chico Rei que teria sido o fundador das duas instituições hoje é visto como lenda pela Irmandade do Rosário, o que é contestado pelo grupo de Congado local de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, pois para este a existência desse personagem é incontestável. Nas palavras da Terceira Capitã da Guarda do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia:

Como ele [Chico Rei] é lenda se minha mãe contou pra mim, a mãe dela contou pra ela, a mãe da minha vó (sic) contou pra ela e antes disso alguém contou pra ela? (K – Terceira Capitã do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia – 14/12/2014).

As palavras da Terceira Capitã põem como inquestionável a existência de Chico Rei, pois essa história tem sido contada em sua família de geração em geração. A oralidade, neste caso, para a Terceira Capitã é forte indício da veracidade do fato.

O questionamento a respeito da veracidade da figura de Chico Rei é mencionado por Silva (2012) quando expressa que

Estudiosos das manifestações dos rituais de Reinado em Minas Gerais dividem opiniões a respeito da existência do ex-escravo africano “Chico Rei”. Alguns argumentam que é difícil afirmar se esta *personagem* existiu de fato ou não no passado, uma vez que isso ainda depende de um trabalho historiográfico aprofundado de levantamento em arquivos e consulta a documentação escrita. Outros defendem a posição de que “Chico Rei” não passa de uma “lenda”, cujo registro escrito é fruto da imaginação e criatividade “livre”, embora inspirados em narrativas orais de pessoas antigas. Outros não colocam em dúvida a existência do nobre africano no cenário entre montanhas da antiga Vila Rica. (SILVA, 2012, p. 84 – grifos do autor).

Agindo de forma independente da Irmandade do Rosário o Congado tem nos últimos anos ganhado força e reforçado seu caráter religioso. Entretanto, percebe-se que entre os participantes o catolicismo se faz presente, mas não atua como única referência religiosa dos congadeiros, que apresentam grande apreço pelas religiões de matriz africana, principalmente, a Umbanda em que a presença se faz presente nas contas que adornam a roupa dos festeiros, nos altares mantidos nas casas do primeiro Capitão e da Terceira Capitã e na própria fala do Rei Perpétuo que confirmou ter sido da umbanda durante um tempo.

O Congado de Nossa Senhora do Rosário não é o único que existe em Ouro Preto, mas é o único que homenageia Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Tais oragos são santas de devoção dos negros no Brasil desde o período colonial. A maioria esmagadora dos

Congadeiros do presente Reinado é negra, mesmo aqueles que em outras regiões do país seriam denominados ou se autodenominariam pardos e mulatos lá se reconhecem como negros. Pelo discurso do Primeiro Capitão são questões quase indissociáveis ser congadeiro, negro e ter fé, principalmente em Nossa Senhora do Rosário. Sobre esta última ele disse “[...] minha fé me ajuda não só no Congado, mas na minha vida.” (R – Primeiro Capitão do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 14/12/2014)

A respeito de ser negro e da devoção, o Primeiro Capitão disse numa atividade que antecedeu a Festa do Congado em Ouro Preto de 2015 após cantarem uma música: “Nós somos o negro de que fala a música. Nós também somos de Angola” (R – Primeiro Capitão do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, 14/12/2014). A letra da música dizia o seguinte: “Negro, negro, negro de Angola, congadeiro de Nossa Senhora”.

## **2. A festa e seus significado**

O Congado também conhecido como Reisado ou Reinado, como é o caso específico de Ouro Preto, de acordo com Noronha (2015) é uma manifestação popular de cunho católico tipicamente negro, cuja base se encontra numa narrativa mítica acerca de Nossa Senhora do Rosário compondo o imaginário de seus devotos. Com relação à Festa do Rosário, percebe-se que ela se edificou num universo imagético extremamente rico, uma vez que é marcada por momentos festivos e devocionais<sup>2</sup> que se materializam em diferentes tipos de representações que se reconstróem alicerçados numa ludicidade que procura trazer à tona o passado, presentificá-lo e atualizá-lo, construindo um sentido que perpassa a expressividade visual, já que é uma tentativa de manter viva uma tradição secular e, por isso, expressar a identidade<sup>3</sup>. Ou, como diria Reis (1991), as festas atuam como rituais de reciprocidade entre os homens e as divindades, momentos em que as fronteiras entre o sagrado e o profano são atenuadas.

Desta maneira, no campo religioso especificamente brasileiro, é através da festa, seja ela sagrada ou profana, todas as coisas se afazem, ocorrendo a celebração da vida, a quebra do ritmo cotidiano, o momento em que o homem experimenta emoções e afetos. O tempo do relógio é substituído pelo tempo mítico eterno e divinal, por isso, a reconciliação entre todos. Desta maneira a festa desvela a essência fundante concernente à fé e à fraternidade comunal, que tanto alimentam as manifestações religiosas, quanto perpetuam as tradições que são um verdadeiro patrimônio cultural (JURKEVICS, 2005).

As festas religiosas e populares, cuja historiografia atual tem dado maior visibilidade, são consideradas janelas para observação de uma dada conjuntura, caminhos de conflito e/ou

formação de identidades. Portanto, ao se analisar a festa do Rosário é possível observar que a defesa desta manifestação esteve (e está) em destaque na reivindicação dos negros, pois, inserida no complexo universo da Irmandade<sup>4</sup>, fica evidente seu caráter político que solidificou sua *presença a despeito de todas as tentativas de exclusão e marginalização* (ABREU; VIANA, 2009, p. 235-236). A importância das festas e demais manifestações religiosas é inegável, uma vez que é nesse espaço público que o negro, se valendo da cultura dominante, encontrava seu próprio espaço, não sem com isso, incomodar outros setores da sociedade, mas a negociação entre esses dois lados nunca deixou de existir, pois

Os interesses em torno da realização de festas religiosas marcaram o cotidiano das reivindicações da população às administrações municipais. Colocaram em jogo os direitos dessa população movimentar-se, organizar-se e divertir-se em função de seus próprios santos e valores, danças e músicas. As festas abriam possibilidades para o exercício de outras dimensões da cidadania, para muito além do voto ou das representações instituídas pelas constituições imperial e republicana. (ABREU; VIANA, 2009, p. 237).

Na Festa do Rosário estão presentes dois movimentos contraditórios, repressão e liberdade, que se projetam, com muitos desdobramentos, sobre a história da escravidão em varias regiões do país. A Festa, que serviu para dividir e unir os negros, foi vista pelos dominadores brancos como passatempo inocente ou desafogo das tensões do cativo e, no sentido inverso, como quebra da ordem, uma espécie de ensaio para a rebelião, senão como rebelião dos costumes. Nesse campo de poder, minado de significações, operavam escravos, senhores, autoridades militares, civis e eclesiásticas e o povo livre em geral (EVARISTO, 2013).

A Congada, festa diretamente ligada a Nossa Senhora do Rosário, mantém-se viva por diversas regiões do país, e em Minas não é diferente, basta observar a grande quantidade de estudos realizados sobre as diversas festas, sejam as do passado, sejam as da atualidade. No entanto, deve-se ressaltar que é bem provável que o sentido empregado atualmente seja bem diverso daqueles do período colonial e imperial. A par disso, este Projeto de Pesquisa propõe o estudo sobre quais são os motivos que levam os grupos de Congado a manterem viva essa prática e, principalmente, como a religiosidade é vivenciada dentro da Congada na atualidade.

De acordo com Silva (2010), em Minas Gerais o traço mais marcante da cultura afro-brasileira é o Congado que, além de sua forma histórica de resistência, se articula em toda a sua complexidade simbólica e ritual apresentando duas dimensões, que por vezes se mostram paradoxais, ou seja, o catolicismo popular, de caráter devocional, e o catolicismo oficial. Os participantes do Congado o reconhecem como uma festa carregada de religiosidade. Para

Ribeiro (1960), as Congadas em Minas Gerais e São Paulo são cortejos de danças e cantorias cujo intuito é homenagear o santo de devoção; ou, conforme Monteiro (2013), as Congadas se apresentam tal como um cortejo real, em que a dança e o canto dos negros fazem parte do ritual de louvação aos santos protetores. A Congada ainda pode ser denominada de Congados, Terno, Guardas ou Cortes. Um dos elementos religiosos presente no ritual contemporâneo da Congada serve, igualmente, para reconciliação com um passado traumático, quando se promove o evento da aparição de Nossa Senhora Rosário que, em tempos remotos, teria alterado o valor e a imagem do escravo perante o seu senhor.

As festas populares, em que o Congado/Reinado estão inseridos, devem ser vistas como locais de aprendizagem e os mestres, que também podem receber a denominação de embaixador, folião-guia, rei do meio, capitão ou chefe, são os portadores e difusores de saberes, cujo papel é de extrema relevância no processo de continuidade de tais expressões culturais e na formação dos indivíduos que com eles se tornaram congo. O Congado/Reinado, tal como ocorre em outras manifestações culturais, se transforma em expressão de um grupo e cada membro realiza uma função necessária ao ato que demanda um conhecimento apropriado (GARCIA; OLIVEIRA; SOARES, 2013).

Conforme Pereira; Gomes (2003), a Congada está inserida dentro de um ambiente sagrado, em que há uma narrativa falada ou cantada que é expressão do próprio devoto em ação e, simultaneamente, formaliza um convite aos ouvintes para se integrarem ao enredo. Carvalho (2004), ao analisar as artes sacras de origem negra, chama atenção para o fato de haver, na atualidade, muitas vozes e lugares em que são equacionados os encontros e as relações da elite branca com as artes sagradas de matriz africana, cuja preservação foi realizada pelos negros no período escravista e posteriormente. Para o autor há principalmente,

[...] um lugar de fala da sociedade civil, identificada pelas várias agrupações e movimentos sociais ligados às tradições culturais afro-brasileiras. Logo, há o lugar de fala da mídia, que deveria responder aos interesses da sociedade como um todo, porém que se apresenta, na maioria das vezes, de um lugar camuflado. Na verdade, a mídia tornou-se o lugar do mercado por excelência, e este lugar é disfarçado, muitas vezes, de lugar do Estado, sobretudo através do mecanismo, nem sempre transparente, da propaganda estatal veiculada pelos canais abertos de televisão. Além disso, em várias situações, a sociedade civil tenta falar e é também mal traduzida pela própria mídia, que se apresenta como se fosse o Estado falando sobre e em parceria com a sociedade civil. No fim das contas, as comunidades negras, criadoras e mantenedoras dessas tradições, acabam controlando muito pouco os meios de divulgação de seus valores e de sua autoimagem na esfera pública. E finalmente, o mercado de produtos culturais também fala sob o disfarce de um ventríloquo que às vezes é a mídia e às vezes é o próprio Estado. E como é possível, hão de perguntar alguns, que o mercado de produtos

culturais “afro-brasileiros” (carnaval, axé music, trios elétricos, blocos, etc.) use o Estado como ventríloquo? Pelo mecanismo, cada vez mais frequente, de que muitos cargos importantes do Estado, e em particular na área da cultura, são ocupados por pessoas, já não conectadas com a sociedade civil ou com as comunidades criadoras das artes afro-brasileiras tradicionais, mas com a indústria cultural, com a produção de eventos, marketing, turismo, promoção, etc. (CARVALHO, 2004, p. 2).

A perda de domínio do negro sobre o seu bem cultural, como citado acima, tem sido observada em alguns Grupos de Congado, em que os negros não são mais coroados reis e rainhas, exercendo papel secundário nos festejos, conforme pesquisa de Queiroz (2013). Entretanto, os grupos analisados por esta pesquisa, tentam resistir e preservar o papel do negro dentro da tradição congadeira, assim como perpetuam a fé em Nossa Senhora do Rosário e em Santa Efigênia, razão de toda essa movimentação, que hoje é vista como cultural.

A festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário promove sua reatualização a cada ano em que, ciclicamente, ocorre a comemoração, possibilitando, desta forma, a construção de uma memória negra dos congadeiros. A devoção a Nossa Senhora do Rosário, ao ser ritualizada, reafirma a fé neste orago, ao mesmo tempo em que demarca um espaço social e religioso (QUEIROZ, 2013).

As Congadas, os Congados ou Congos são a denominação dada às “danças dramáticas”<sup>5</sup> que mesclam ao seu enredo tradições e costumes africano, tal como elementos tomados a bailados de origem luso-espanhola. São formados, principalmente por um cortejo real, a que se liga uma parte representada, a que se chama de Embaixada, em que ocorre o versamento de assunto guerreiro. Embora apresentem uma origem comum, são as Embaixadas dos Congos e Congadas que se diferem um dos outros (ALVARENGA, 1982).

De acordo com Queiroz (2013, p. 28), em Minas Gerais, nos festejos de representação do Reinado e no enredo dos mitos que organizam o Congado, está presente a representação de um gesto sagrado, em que a própria existência social e simbólica da comunidade estão fundadas, o que leva a constituição de uma das mais “ricas e dinâmicas matrizes da memória”, o que leva à recriação no movimento, enlaçando o presente e o passado, os descendentes e seus antepassados.

Mas primeiramente o Congado começou a muitos anos atrás. Esse congado nosso ele está com aproximadamente, pelo que eu contei do tempo do meu pai até eu agora, estamos com 67 anos de existência desse grupo. Mas existia o grupo de Saramenha, no Cuxo era meu avô que era o capitão mestre, né? Foi se criado lá esse congado que vem de geração em geração. Esse congado foi se criado lá, não se sabe o interesse de se criar um congado aqui de Ouro Preto, mas se sabe que era através do legado de Chico Rei mesmo, né! São todos mesmos descendentes de Chico Rei. (R – Capitão Mestre da Guarda<sup>6</sup>).

Atualmente, as manifestações culturais brasileiras, em que se insere o Congado, têm sido vistas como folclóricas. Dessa maneira, ressalte-se que o termo folclore foi empregado pela primeira vez em 1856 pelo inglês Willian John Thoms utilizando-se das palavras anglo-saxônicas *Folke* e *Lore* no sentido de saber tradicional do povo (BRANDÃO, 1982). Já de acordo com Câmara Cascudo (1965), o folclore seria a cultura popular transformada em norma. No entanto, Brandão (1982), ao analisar este conceito, demonstra que apesar das várias nuances interpretativas, as expressões não são sinônimas, pois em alguns momentos elas se aproximam, e em outros, possuem características bem diversas. Por conseguinte, o termo folclore pode ser interpretado a partir de um complexo campo social, cuja expressividade e performance cultural se intensificou a partir do século XIX (BRANCO; BRANCO, 2003). Do ponto de vista de Boas (1938), o folclore e a mitologia não devem ser entendidos apenas do ponto de vista da filosofia primitiva, pois resultam do pensamento especulativo da origem e estrutura do mundo e da vida humana, não sendo apenas um fluxo artístico. Segundo Brandão (1982), aos poucos, mas não generalizadamente,

[...] a ideia de *folclore* como apenas a *tradição popular*, as *sobrevivências populares*, estendeu-se a outras dimensões. Dimensões mais atuais, mais associadas à vida do povo, à sua capacidade de criar e recriar. Tudo aquilo que, existindo como forma peculiar de sentir e pensar o mundo, existe também como costumes e regras de relações sociais. Mais ainda, como expressões materiais do saber, do agir, do fazer populares. Não apenas a legenda do herói ancestral, o *mito* (aquilo que muitas vezes explica, tanto a camponeses quanto a índios, a origem do mundo e de todas as coisas), mas também o *rito*, a celebração coletiva que revive o mito como festa, com suas procissões, danças, cantos e comilanças cerimoniais. Não apenas a celebração, o rito, o ritual, mas a própria vida cotidiana e os seus produtos [...] (BRANDÃO, 1982, p. 30).

1243

Por conseguinte, a Pesquisa procura interpretar a Festa do Rosário a partir da noção de mito (do grego *m~thos*, fábula, pelo latim *mythu*), termo que, inconvenientemente, remete à narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos, uma narrativa na qual aparecem seres e acontecimentos imaginários que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana, narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo, tendo geralmente a forma de um relato sobre a origem de determinado fenômeno, instituição, pelo qual se formula uma explicação da ordem natural e social e de aspectos da condição humana. É também a representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição, uma ideia falsa, sem correspondente na realidade. Pode ser igualmente a representação, passada ou futura, de um

estádio ideal da humanidade. É geralmente considerado uma forma de pensamento oposto à do pensamento lógico e científico. Narrativa tradicional sobre o passado que frequentemente inclui elementos religiosos ou fantásticos, alguns mitos são encontrados em todas as sociedades, embora funcionem de diferentes maneiras em cada uma delas. Os mitos podem tentar explicar a origem do universo e da humanidade, o desenvolvimento de instituições políticas ou as razões das práticas rituais. Os mitos muitas vezes descrevem as façanhas de deuses, de seres sobrenaturais ou de heróis que têm poderes suficientes para se transfigurar em animais e para executar outras proezas extraordinárias.

Contudo, é forçoso sublinhar que, segundo Leenhardt (1987), este termo teve seu sentido enfraquecido, uma vez que foi incorporado, como exemplificado acima, no sentido de fábula ou narrativa relacionada com os deuses. Van Genep (1978) o definiu como narrativa que explica ou determina um ritual.

Para Barthes (1989), o mito é, antes de tudo, uma fala, mas não uma fala qualquer, pois necessita de condições especiais para que aflore. O mito é uma mensagem, um modo de significação que possui um sistema particular, semiológico, um sistema duplo em que se produz uma espécie de ubiquidade. O mito, na fatura barthesiana, transforma a história em natureza, natureza histórica.

Já para Lévy-Strauss (s/d), o problema reside em saber onde acaba a mitologia e onde começa a história, porquanto, em nossa sociedade, a história substituiu a mitologia, desempenhando a mesma força exercida, pela mitologia, nas sociedades sem escrita e sem arquivos. O desafio seria quebrar o muro que supostamente as divide e entender o estudo da história como uma continuação do estudo da mitologia.

Portanto, a noção de mito será interpretada, a partir da conceituação de Malinowski (1986), como uma “realidade vívida” cujas narrativas remetem a costumes, regras ou rituais, fazendo aflorar emoções comuns de acontecimentos originais que transmitem força e autoridade aos acontecimentos atuais.

Alongando a análise, ressalte-se que Levy-Brühl (1931) diferencia entre o mito clássico e o mito dos primitivos, distinguindo o mito e a narrativa das representações coletivas, base do totemismo, cujas indeterminações e inconsistências levaram-no a insistir no mecanismo do espírito primitivo e imaginar um plano sobrenatural em que ele se manifesta (LEENHARDT, 1987). O autor prefere o termo místico, já que o mundo lhe é dado numa experiência imediata cuja autoridade é, a seu ver, decisiva e se refere a uma “[...] *crença em forças, influências, ações imperceptíveis aos sentidos, e, no entanto, reais*” (LEVY-BRÜHL, 1931, p. 16). Isto o leva a ver no

mito uma distensão de nosso espírito que suspende temporariamente a atitude racional e se aproxima de um fundo enraizado de mentalidade primitiva.

Dessa forma, o mito passa a ser interpretado como um elemento primitivo e estrutural da mentalidade, já que ele é uma fala (*parole*) que circunscreve um acontecimento, se torna ação na repetição, diz o presente (LEENHARDT, 1987). Ao contrário das “histórias falsas”, que podem ser contadas em qualquer parte e momento, os mitos só devem ser relatados durante o lapso de tempo do sagrado (ELIADE, 1972), pois é constituído por um pensamento, ele é sentido e vivido, ele é a fala, a figura, e o gesto do acontecimento. Segundo Leenhardt (1987), o mito corresponde a um modo de conhecimento afetivo que se complementa com o modo de conhecer objetivo, é a ficção de uma história verdadeira e extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. Como realidade vivida, o mito fornece modelos para a conduta humana, conferindo-lhe significação e valor à existência (ELIADE, 1972).

A origem do surgimento do Congado em Minas Gerais possui explicações variadas, entretanto, é salutar destacar que as versões não são excludentes e, nem são motivo para abalar a fé e a crença dos congadeiros das diversas localidades onde a manifestação ocorre. A esse respeito, Silva (2012) diz que

As explicações para as origens do ritual Congado em Minas Gerais tem também como fonte o imaginário coletivo, expresso em relatos orais e escritos. As versões sobre essa história são variadas e nem sempre convergentes, pois nas várias narrativas existentes pôde-se constatar a diversidade de relatos para o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário: alguns ora afirmam que tal aparição ocorreu no “mar”; outros já afirmam que foi numa “gruta”; outros ainda consideram que se deu numa “lapa” ou num barreiro nos tempos antigos da escravidão. Existem as versões que dão ênfase, sobretudo, à figura de um africano que contam ter se tornado muito conhecido em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto – MG) pela alcunha de “Chico Rei” e cujo nome de batismo cristão é relatado, igualmente, de maneira diversa: por vezes, afirma-se que foi chamado de “Francisco da Natividade”, outras vezes, de Francisco Lisboa da Anunciação”; ou, ainda, de “Francisco Lázaro”. (SILVA, 2012, p. 74).

Por conseguinte, é imperativo reconhecer a Festa do Rosário como fenômeno humano, de cultura, criação do espírito, que remete a uma narrativa que faz reviver uma realidade primeira, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo exigências práticas. Conforme Segalen (2002), o pensamento religioso inclui dois elementos, quais sejam, as crenças e os ritos. As primeiras são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm umas com as outras ou com as coisas profanas; os segundos são as regras de comportamento que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas.

Os ritos possuem um suporte corporal, seja ele verbal, gestual, ou postural, com caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas.

A etimologia da palavra rito vem de *ritus*, que no latim significa ordem prescrita, e está associada às palavras gregas *iartud* (organização), *ararisko* (harmonizar, adaptar), *arthmos* (ligação, junção), e às védicas *rta*, *arta*, cuja etimologia remete a análise para a ordem do cosmos, a ordem das relações entre os deuses e os homens, e a ordem entre os homens (SEGALEN, 2002). De acordo com Durkheim, “[...] os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 1983, p. 212). O interesse relativo ao rito integra-se na demonstração levada a cabo para mostrar que nenhuma religião é uma espécie de fantasia, sem qualquer sociologia. Sua finalidade é agenciar o presente ao passado, o indivíduo à comunidade, consiste numa ação geral que, apesar de continuar sempre e em todo o lado semelhante a si própria, é susceptível de apresentar formas diferentes de acordo com as circunstâncias. Sua eficácia está no social, pois produz estados mentais coletivos suscitados pelo fato de o grupo estar reunido, com sentimentos e sentidos que se exprimem em atos comuns, pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente. A vida coletiva, ao atingir “certo grau de eficácia”, coloca de sobreaviso a vida religiosa ao determinar um estado de efervescência que muda as condições da atividade física (DURKHEIM, 1983).

Durkheim (1983) estabelece uma classificação dos ritos (negativos, positivos e expiatórios) que organizam os tempos sociais no seu duplo ritmo, alternando os tempos profanos e os sagrados. Os cultos negativos, ou “tabu”, limitam o contato entre o sagrado e o profano; os cultos positivos estão ligados às festas; e os cultos expiatórios (*piaculum*) são relativos a uma expiação, inspiram um sentimento de angústia. Como culto positivo, a Festa do Rosário associa a comunhão através da ingestão de elementos sagrados, e oblação (gestos de oferta). Os cultos positivos são periódicos, pois o ritmo que exprime a vida religiosa exprime o ritmo da vida social. Por conseguinte, épocas profanas se alternam com épocas sagradas, e o objetivo do culto é regularizar o curso dos fenômenos naturais (SEGALEN, 2002). Segundo Borges (2005), os participantes negros da Festa do Rosário

[...] podiam transcender a realidade cotidiana e integrar-se no drama subjacente à estrutura do rito. Na história mítica eles eram os vencedores, porque eleitos de Nossa Senhora. Vivenciando o acontecimento festivo, resgatavam o mito do aconchego de uma mãe protetora; parte dos diversos significados veiculados no conjunto do cerimonial. Era na festa do Rosário que os irmãos envolviam-se com os elementos sagrados da religião dos grupos dominantes. [...] Era um acontecimento em que o irmão invertia, simbolicamente, a sua condição de escravo, de forro e oprimido, e entrava em um novo tempo, o do encontro e do aconchego, momento em que o

grupo de irmãos se tornava forte pela convivência ritual. (BORGES, 2005, p. 196-197).

Em Ouro Preto na tentativa de não permitir que os conflitos existentes entre os congadeiros, a Irmandade do Rosário e a Igreja esmorecesse a festa em homenagem a orago de devoção, os festeiros de Nossa Senhora do Rosário se uniram numa espécie de associação chamada Amigos do Reinado para dar continuidade a esta manifestação. Sem sede própria os encontros para discutirem assuntos a respeito do Congado acontecem na casa da Terceira Capitã. A casa parece ser um ponto chave para os congadeiros, por exemplo, os alimentos recolhidos junto a comunidade para ser servido no dia da festa de 2015 foi guardado lá, a presença do Primeiro Capitão na casa é notada várias vezes para discutir assuntos relativos ao Congado, é de lá que saem para alguma atividade.

### Referência Bibliográfica

- ABREU, Martha; VIANA, Larissa. Festas religiosas, cultura e política no império do Brasil. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. *O Brasil imperial*. V. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ALVARENGA, Oneida. Música popular brasileira. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- AMIREI, Associação dos Amigos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto, 2013. Disponível: [www.reinado.org.br](http://www.reinado.org.br). Acesso: 21/05/2013.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BOAS, Franz. *General Anthropology*. Boston: D. C. Heath and Company, 1938.
- BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.
- BRANCO, Salwa El Shawn; BRANCO, J. Freitas (org). *Vozes do povo. A folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARVALHO, José Jorge de. As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza. Palestra que proferi no Centro de Cultura Popular no dia 14 de dezembro de 2004.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1965.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- EVARISTO, Maria Luiza Igino. *Sincretismos, negociações e conflitos: apropriação e inversão do catolicismo nas Irmandades Negras de Nossa senhora do Rosário na Minas gerais do século XVIII*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- GARCIA, A. M.; OLIVEIRA, M. R. P.; SOARES, R. F. Cultura popular e educação: um diálogo a partir da prática de um mestre do congado. In: OLIVEIRA, Julvan Moreira. Interfaces das africanidades em educação nas Minas Gerais. Juiz de Fora: UFJF, 2013. pp. 135-155.

- JURKEVICS, Vera Irene. *Festas religiosas: a materialidade da fé*. Revista História: Questões & Debates, n. 43. Curitiba: Editora UFPR, 2005, pp.73-86.
- LEENHARDT, Maurice. *O mito*. In: Religião e Sociedade, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVY-BRÜHL. *La mentalité primitive*. Hebert Spencer, Lecture, Oxford, 1931.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência y religión*. Barcelona: Planeta-De Agostini, 1986.
- MONTEIRO, Livia Nascimento. *Escravidão e liberdade na festa do Rosário*. 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/L%C3%ADvia-Nascimento-Monteiro-texto.pdf>. Acesso: 20/08/2013.
- NORONHA, Vânia. *Reinado de Nossa Senhora do Rosário: a constituição de uma religiosidade mítica afrodescendente no Brasil*. Disponível em: <http://www.ReinadoDeNossaSenhoraDoRosarioAConstituicaoDeUmaRe-3741071.pdf>. Acesso: 14/01/2015.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ouro Preto da palavra: narrativas de preceito do Congado em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Puc Minas, 2003.
- QUEIROZ, Giane Rena Cardoso. *A festa de Nossa Senhora do Rosário de Paula Cândido, 2013 (no prelo)*.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *O Baile dos Congos*. In: Estudos e Ensaios Folclóricos em Homenagem a Renato Almeida. Rio de Janeiro: Min. Relações Exteriores, 1960.
- SANTOS, Tereza Josefa Cruz dos. *Professores universitários negros: uma conquista e um desafio a permanecer na posição conquistada*. In: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cor e magistério*. Niterói: EdUFF, 2006.
- SEGALEN, Martin. *Ritos e rituais*. Rio de Janeiro: EdFGV, 2002.
- SILVA, Rubens Alves. *A atualização de tradições: performances narrativas afro-brasileiras*. São Paulo: LCTE Editora, 2012.
- SILVA, Rubens Alves. *Negros Católicos ou Catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- SCHWIKART, Georg. *Dicionário ilustrado das religiões*. Aparecida: Editora Santuário, 2001.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

---

<sup>1</sup> De acordo com Silva (2010, pp. 23-24) “Diferentes autores, reconhecendo a complexidade e as contradições inerentes à própria sociedade colonial, percebem as irmandades como espaço que propiciou a organização da população negra e serviu de canal para a preservação dos seus valores tradicionais, bem como à afirmação da identidade étnica, deste segmento social brasileiro”.

<sup>2</sup> O termo devoção tem sua origem no latim e significa veneração (*devotio, onis*, ação de se dedicar, voto com que alguém se dedica, se consagra, culto, maldição) (SCHWIKART, 2001).

<sup>3</sup> A modernidade tem colocado em cheque as grandes identidades sociais coletivas, tais como a de raça, de nação, de classe, de gênero e de Ocidente/Oriente, uma vez que traz consigo a gênese da descontinuidade. A estabilidade que era característica das identidades globalizantes já não existe de forma tão determinante. Dessa maneira, é possível se pensar em três concepções de identidade. A primeira foi chamada de “sujeito do Iluminismo”, porque se centrava na individualidade do indivíduo e de sua identidade, dotado de racionalidade, de consciência, de ação, unificado, cujo núcleo era recebido ao nascer e permanecia assim, por toda a vida. Nessa concepção, o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. A segunda concepção de identidade é a do

“ser sociológico”, em que o sujeito não é autônomo, nem autossuficiente, mas sim um refletor da complexidade do mundo moderno. O núcleo interior desse sujeito se forma na relação de outras pessoas importantes para ele, que serviam para mediar seus valores, sentidos e símbolos. A terceira concepção é uma continuidade do processo iniciado na segunda. Neste processo o indivíduo contemporâneo se concebe construído sem uma identidade fixa, permanente e essencial, assumindo diversificadas identidades em momentos diversos (SANTOS, 2006, p. 166).

<sup>4</sup> No caso específico de Ouro Preto, mesmo o Congado e a Irmandade estando dissociados na atualidade, o princípio de questionamento político-social se mistura com o religioso.

<sup>5</sup> Quem pela primeira vez empregou o termo “danças dramáticas” foi Mário de Andrade, a fim de designar os bailados populares brasileiros em que parte de sua apresentação é representada ou é baseada em determinado assunto. Entre as principais danças dramáticas estão a Congada e Congos, Caiapós, Moçambique, Pastoris, Cheganças, Cabocolinhos, Maracatu, Quilombos, Bumba-meu-boi, Cordões-de-bicho, Taieiras e Reisados (ALVARENGA, 1982).

<sup>6</sup> Fala extraída de vídeo publicado na página dos Amigos do Reinado.